SERMAM DA CINZA PRIMEIRA QVARTA FEIRA DA QVARESMA.

PREEGOV-O NA CATHEDRAL DE COIMBRA

O P. M. IOAM DE CARVALHO DA Companhia de IESVS
LENTE DE VESPORA NA SAGRADA THEOlogia em o Collegio da meſma Companhia.

DEV-O A ESTAMPA O DOVTOR MANOEL Aluares de Medina.

EM COIMBRA.
Na Officina de MANOEL DIAZ
Impreſſor da Vniuerſidade.

Anno M. DC. LXXVII.
Com todas as licenças neceſſarias.

Memento homo, quia puluis es, & in puluerem reuerteris. Ex Ecclesiastica Ceræmon.

LEMBRANÇAS da morte saõ oje, & costumaõ ser as recomendaçoens deste dia. E não se póde negar que lembranças ha da morte, mas saõ as lembranças, que a morte tem de nos, & não as que nos temos da morte. Lembrase a morte de nòs, porque nos esquecemos della, & toda a resaõ pedia, que se trocassem as mãos; porque nada perdia a morte, & nos interessauamos muito; a morte nada perdia, bem se deixa ver; pois nada interessa no estrago de nossas vidas; & nós interessauamos muito, porque não interessauamos menos, que o estado da Innocencia. Essa differença vai do estado, que perdemos da Innocencia ao estado, em que nos vemos, da culpa; q̃ no estado da Innocencia se esqueceria a morte dos homens, deixandoos viuer tempo esquecido; & os homens se lembrariaõ da morte, porque ainda que izentos de sua jurisdiçaõ, morreriaõ por se ver com Deus na Gloria. E neste estado da culpa lembrase a morte dos homens, porque os naõ deixa viuer com sobresaltos continuos; & os homẽs se esquecem da morte; porque naõ saõ bastantes seus continuos sobresaltos, para se lembrarem da outra vida.

Pera despertador deste nosso esquecimento foi Prouidencia Diuina, que a morte se lembrasse tanto de nos, quanto nòs nos esquecemos da morte, pera que sua lembrança despertasse nossa cautella. A esse fim nos poem oje a Igreja sobre a cabeça, o pò, & cinza, em que pararemos na sepultura; & não basta essa diligencia para nos meter na cabeça esta lembrança.

 Se

Se bem eu acho que a lembrança, que a Igreja de nos pede; naõ he sò do pó, em que seremos desfeitos, mas tambem do pò, de que fomos formados: naõ he sô do que ao depois seremos, mas tambem do que ja temos sido, que isso mais propriamente he acto de memoria, conforme a definiçaõ de Aristoteles: *Rei præteritæ repetita cognitio.* Do passado quer logo a Igreja que nos lembremos tambem: *Memento homo.* Antes se bem aduirtirmos nas palauras do nosso thema, acharemos que não sò pede a Igreja de nos a lembrança do passado, mas tambem a consideraçaõ do presente, & o cuidado do futuro: a lembrança do passado na primeira clausula do thema: *Memento homo*; a consideraçaõ do presente na segunda: *Quia puluis es*; & o cuidado do futuro na terceira: *Et in puluerem reuerteris.*

Arist. de paru. natur. cap. 1.

Lembranças do passado pede a Igreja de nos; porque se lançarmos os olhos ao passado, ja agora nos daremos por defuntos. Que outra cousa foraõ, diz Seneca, aquellas mantilhas, em que em nascendo nos embolueraõ, que humas mortalhas? De sepultura nos seruio logo entaõ o berço, em que tomamos o primeiro sono: & foy o sono da morte, porque naõ acabando de despertar, senão aos sete annos (em que pello vso da resaõ deueramos logo sair em obras de vida) em logrãdo o vso da resaõ perdemos a vida da graça; bem nos podemos logo jâ dar por defuntos, se nos lembramos do passado: *Memento homo.*

Pois se consideramos o presente, naõ digo eu por defuntos, mas por sepultados nos daremos. Porque que outra cousa he o corpo, que huma sepultura da alma, & sepultura a mais vil, de quantas se mandaram fazer no mundo. E se não pergunto, quem ja mais mandou fazer sua sepultura de tão vis materiaes, como taypa fragil, adobes de terra? Sei eu que Cambisses a mandou fazer de ouro fino, Symitamis de prata, Arausolo de porfidos; de transparente cristal a formauaõ os Egypcios, de massa aromatica os Syros, & de finos marmores as

vemos leuantar a cada passo. Só a nossas almas leuantou a naturesa sepultura de taypa, barro, & terra, que isso he nosso corpo: *Quia puluis es.* He pó, & terra, & ahi viue a alma enterrada, como em vrna de barro, & sepultura de taypa.

Que se segue logo, Senhores, se naõ tratarmos do futuro? Porque se nos vemos defuntos, naõ ha que tratar mais, que dos suffragios da alma, que saõ os officios do corpo presente. Do corpo naõ ha que tratar, porque por melhor que seja o trato do corpo, ha de vir a parar em cinzas: *Et in puluerem reuerteris.* O trato ha de ser da alma, pera que naõ venha a parar em chamas; que isso he de temer denotem aquelles cinzas do corpo, he de temer, denotem estas chamas da alma. Eis ahi porque a Igreja nos poem oje as cinzas sobre a cabeça, para que vendo nos o pò, em que se resoluerà o corpo, se resolua ja agora a alma. A resoluçaõ do corpo serà no pó da terra: *Et in puluerem reuerteris*; & a resoluçaõ da alma ha de ser no melhoramento da vida: aquella resoluçaõ fallaha a naturesa, esta ha a de fazer a graça; farà a naturesa aquella resoluçaõ, porque por effeito da naturesa se resoluerá o corpo no pó da sepultura; & esta resoluçaõ ha a de fazer a graça, porque por força da graça se ha de resoluer a alma na emenda da vida. Para esta resoluçaõ muita graça he necessaria, peçamola ao Diuino Spirito por intercessaõ da Virgem Immaculada.

AVE MARIA.

Memento homo, quia puluis es, & in puluerem reuerteris.

I

TAõ engolfados andaõ os homens no mar deste mundo, que lhes manda oje a Igreja tomar terra: voz em grito brada a estes mareantes Terra, Terra, que he de temer o naufragio? Auemola de tomar com a memoria: *Memento homo*, que por isso nola poem a Igreja sobre a cabeça, porque a lembrança

brança ha de ser do pò, de que temos sido formados. Sahimos da terra, & auemos de viuer lembrados que a ella auemos de tornar; porque se a vida do homem he hũa nauegaçaõ, como lhe chamou o Philosopho, auemos de voltar á terra, donde sahimos. E assi a lembrança não ha de ser sò da volta, que faremos, mas tambem da sahida, que fizemos; não ha sò de ser do que ao despois seremos na morte, mas tambem do que temos sido na vida. E que temos sido na vida? Que? Pò daquella terra, que Deos amaldiçoou pella culpa: & porque a maldiçaõ naõ foi menos, que condenaçaõ à morte, bem nos podemos dar por defuntos: que quem està condenado à morte, dà ja por perdida a vida.

Logo que nossos primeiros Pays conheceraõ a culpa, em que cairaõ, vestiraõ o cilicio, que lhes offereceo a aspereza das folhas da figueira: *Consuerunt sibi folia ficus*; com tudo pello cilicio lhes vestio Deos a mortalha significada, diz Santo Eucherio, nas pelles dos animaes: *Fecit q̃ Deus Ada, & vxori eius tunicas pelliceas. In tunicis pelliceis*, diz o Santo Padre, *Mortis est intelligenda conditio.* E pois o cilicio não estaua melhor à culpa de nossos primeiros Pays, que a mortalha? O cilicio os mostraua penitentes, & a mortalha culpados; escusada era logo a mortalha, que o cilicio melhor substituia. Naõ, diz Santo Eucherio, que o cilicio era habito de penitentes, & a mortalha era alua de condenados: habito de penitentes o cilicio, porque era remedio da culpa, & alua de condenados a mortalha, porque era effeito da pena: *Morte morieris*; & quis Deus mostrar que se no cilicio se protestauão penitentes, na mortalha se auiaõ de reconhecer penitenciados; porque para seu desengano naõ montaua tanto se mostrassem no cilicio mortificados, quanto na mortalha se reconhecessem ja mortos. Pois para que Adaõ, & Eua trouxessem sempre na lembrança este desengano, lhes vestio Deus a mortalha, porque entenderiaõ, & nelles seus descendentes, que no ponto, que foraõ reos da culpa, vestiraõ a alua de condenados: *In tunicis pelliceis mortis est intelligenda conditio.*

Genes. 3.

D. Eucher. apud Cathen. Lippom. in Genes. 3.

Sò

Só diraõ; que se bem nossos primeiros Pays logo que peccaraõ incorreraõ sentença de morte; com tudo Adaõ dahi a 900. annos padeceo a execuçaõ da sentẽça. Direi, he verdade que 900. foraõ os annos, que Adaõ teue de vida; porem tantos foraõ os annos, que Adam lutou com a morte; morreo logo por tantos annos, quantos foraõ os que viueo. E a resaõ he, porque se a luta com a morte he o que propriamente chamamos agonia, cada hora de vida de Adaõ foi huma agonia por horas; começando pois a luta, ou agonia desda pronunciaçaõ da sentença, ninguem poderá negar, que dahi começou a execuçaõ da morte.

De Christo nosso bem dice o Euangelista S. Marcos que fora crucificado à sexta feira na terceira hora do dia: *Erat autem hora tertia, & crucifixerunt eum.* E S. Ioaõ diz que fora crucificado á sexta hora: *Erat autem Parasceue Paschæ hora quasi sexta.* Ia se deixa ver a contradiçaõ destes dous texros; vejaõ agora o mysterio, que decifrou Theophilato, S. Marcos diz que fora Christo crucificado à terceira hora do dia, porque entaõ fora senteceado á morte: porem S. Ioaõ diz que fora crucificado à sexta hora, porque entaõ foi executada a sentença. S. Marcos respeitou ao tempo, em que a sentença se pronunciou, & S. Ioaõ respeitou ao tempo, em que se executou a morte: *Marcus horam commemorauit*, grozou Theophilato, *In qua lata est sententia, Ioannes vero horam, in qua re ipsa crucifixus est.* E da S. Marcos por hora da morte a hora da pronunciaçaõ da sentença, porque da pronunciaçaõ da sentença entrou Christo na agonia da morte. E bem se deixa ver, porque se a agonia começou do ponto, em que a luta começou, a luta começou do ponto, em que se a sentença proferio; com resaõ deu logo S. Marcos por executada a morte no ponto, que a sentença foi proferida; porque o dilatarse a execuçaõ, naõ foi mais que prolongarse a agonia: & isso vem a ser em nos a duraçaõ de nossa vida, vem a ser huma permanencia da luta, em que andamos em braços com a morte, que a ser menos prolongada, fernos-hia mais breue a agonia.

Mart. 15.

Ioan. 19.

Theophil in Ioan. 19.

II.

DOnde venho a infirir que naõ he mais noſſa vida, que huma morte lenta, & por iſſo tanto mais penoſa, quanto mais prolixa. Qualquer outra morte ſera calix amargoſo; mas por amargoſo, que ſeja, he toleravel, porque ſe leua de hum trago; porêm a morte lenta he calix, que ſe leua trago a trago, porque imos morrendo por partes, & como vaſos de barro imos quebrando pedaço a pedaço. Foi conſideraçaõ de Santo Athanaſio. He o homem aruore, diz o Santo, como bem vio até o cego, a quem Chriſto noſſo bem deu viſta: *Video homines velut arbores ambulantes*; diz agora S. Mattheos que ja o machado eſtá poſto ao pè deſta aruore; *Iam ſecuris ad radicem arborum poſita eſt.* Eſte machado accreſcenta S. Athanaſio, he o da morte: *Arbor eſt homo, ſecuris eſt finis hominis.* Notem a rezão deſta ſemelhança: vai o machado da morte a repetidos golpes ferindo, & cortando o tronco da aruore, porque vai por partes ferindo, & cortando a vida do homem. Dá hum golpe na infancia, & eſſa he a primeira, que morre: dâ outro golpe na puericia, & eſſa he a que em ſegundo lugar acaba: aſſi vai repetindo os golpes, & cortando a mocidade, a idade varonil, & a velhice; de maneira que a cada golpe do machado correſponde huma morte no homem, porque vai eſte morrendo tantas vezes, quantas ſaõ as idades, que paſſa. Donde naõ vem a ſer mais a conſeruaçaõ de noſſa vida, que huma continuaçaõ de muitas mortes, porque eſtà cada hum de nòs continuamente morrendo, em quanto viue.

Marc. 8

Matth. 3.

D. Athanaſ. tom. 4. *quæst. quæſt.* 43

E ſenaõ dizeime: paſſaſtes da infancia à puericia, da puericia à mocidade, & dahi à idade varonil: naõ he aſſi que todas acabaraõ? Pois aſſi ha de acabar a velhice, & a idade decrepita, ſe lá chegares. Morreo a infancia, & de ſepultura lhe ſeruio a puericia: morreo a puericia, & ſepultouſe na mocidade, & ſe eſta vai ja acabando, ſepultarſe ha na velhice, & todas no fim

fim,em q̃ remetaõ, porque em todas ſeos principios, & fins ſaõ a meſma couſa. Nos ſeis dias da criaçaõ do mundo, diz Santo Agoſtinho, q̃ ſe ſignificaraõ as ſeis idades do homem: *Video enim eaſdem ſex ætates habere ſimilitudinem iſtorum ſex dierum.* Pera verem a reſaõ, notem o modo, com que os dias do mũdo começaraõ. Começaraõ os dias do mundo pellas tardes: *Factumq̃ eſt veſpere, & mane dies vnus. Et factum eſt veſpere, & mane dies ſecundus.* Notauel caſo! Se os dias creſcem, & diminuem com o Sol, como naõ começaraõ com ſeu naſcimento? Naſce o Sol pella manhãa, & os dias começaõ pella tarde? Pera repreſentarem as idades do homem aſſi era bem, que começaſſem: porque como os dias do mundo começaraõ pella tarde, aſſi as idades do homem começaõ por onde acabaõ; porque primeiro acabaõ, que comeſſem. Começou o primeiro dia do mundo, & primeiro ſe vio na tarde, que na manhã: *Factumque eſt veſpere, & mane dies vnus:* Começou o ſegundo dia, & primeiro anoiteceo, que amanheceſſe: *Et factum eſt veſpere, & mane dies ſecundus,* & aſſi os mais; pois aſſi as idades do homem, ainda naõ tem começado, quando ja ſe vem acabar. Começa a infancia, a puericia, a mocidade, & o fim de cada huma he o ſeu principio, porq̃ em principiando fenecem: a tarde he a ſua manhãa, porque em amanhecendo anoiteſſem; ou para melhor dizer primeiro anoiteſſem, que amanheçaõ, porq̃ a tarde he a manhãa, por onde começaõ, como os dias da criaçaõ do mundo: *Video enim eaſdem ſex ætates, &c.*

D. Auguſt. lib. 1. de Geneſ. contra Manich. c. 23.

Gen. 1.

E reparem que ſendo primeiro a tarde, que a manhaã, a menhaã de cada hum deſſes dias rematou na tarde do ſeguinte, porque à manhaã do primeiro ſe ſeguio a tarde do ſegundo; para que entendamos, que como a noite he ſepultura do dia, a tarde do dia ſeguinte foi ſepulturá do antecedente. E deſſa ſorte dizia eu, que as idades ſe ſepultaõ humas nas outras, as q̃ acabaõ nas, q̃ começaõ; & as que começaõ nas, que ſe ſeguem. Começa á infancia, & como ſe ve primeiro na tarde, que na manhaã, quando chega á manhaã ſe ve ſepultada na puericia,

& assi as demais idades, porq̃ ahi se sepultaõ, onde acabaõ. Vede agora, Senhores, como contais os annos de vida: cõtais por de vida os annos da infancia, os da puericia, & mocidade, & dizeis, q̃ tendes de vida esses annos? Como os podereis ter, se acabaraõ?

III.

ANtes nem de vida foraõ nunqua esses annos: naõ foraõ de vida os annos da infancia, porq̃ nelles sò gozastes a vida sensitiua, como os brutos a lograõ: naõ foraõ de vida os annos da puericia, porque imperfeitamente lograstes a vida racional: naõ foraõ de vida os annos da mocidade (que vos tendes pellos melhores annos da vida) porq̃ se foraõ tantas as magoas, as doenças, os trabalhos, & degostos, que passastes, cõ mais resaõ lhe podeis chamar horas da morte, q̃ annos de vida; porq̃ annos de tantos pesares, naõ se lograõ, mas sò se sentem; porq̃ pera o sentimento saõ annos, & pera o logro momentos.

A nosso primeiro Pay Adaõ deu Moyses no cap. 5. do genesis so 130. annos de vida até o nascimento de Seth: *Vixit autem Adam centum triginta annis, & genuit filium. Vocauit que nomen ejus Seth.* Se lerem neste lugar os setenta Interpretes, acharaõ, que tinha Adão passado 230. annos: *Vixit autem Adam ducentis triginta annis.* Pergunto agora, se Adão conforme aos setenta Interpretes tinha passado 230. annos, como diz Moyses que tinha sò viuido 130. E se tinha sò viuido 130. os outros cem, dos duzentos, que lhe dão os setenta Interpretes, porq̃ os naõ viueo? Foi o caso, diz Vgo Cardeal, que naquelle meyo tempo matara Caim a Abel, cem foraõ os annos, que o bom Pay chorou a morte de tal filho; pois annos de tanta magoa nam os contou Moyses por annos de vida: *Prætermisit centum annos propter luctum Abel.* Contallos haõ os setenta Interpretes, porque attenderão aos annos, que Adão passara; porem Moyses não os conta, porque sò attendeo aos annos que Adão viuera. Os annos, què Adão passara, forão 230. porque entre

Genes. 5.

Vgo in Genes. c. 5.

entre os demais passou os cem annos do sentimento, que teue pella morte de Abel; porem os annos, que viueo, foraõ sò 130. porque os cem annos do sentimento naõ forão logro da vida; porq̃ como sò seruirão pera a magoa, sentiraõse, mas não se lograraõ? Que he a resaõ porque eu dizia, que se não haõde contar os annos pello tempo, que se sentio, mas pello q̃ se logrou, & como se logre taõ pouco, he mui pouco, o que se viue. E disso quer a Igreja que nos lembremos, porq̃ quer nos não esqueçamos do passado, *Memento homo.*

E jà se deixa ver a solução de huma instancia, que poderia alguem pór. Porque se nossa lembrança ha de ser do passado, ha de ser lembrança da vida, & não da morte, porque a vida he a que passou. Assi parece a primeira vista; mas por isso mesmo a lembrança serà da morte, se nos não esquecermos do passado, porq̃ vida que passou, vida transitoria, não he vida, mais que no nome, & na realidade foi morte. Dame a proua hum sabido texto de S. Ioão aos 14. de seu Apocalipse: *Beati mortui qui in Domino moriuntur.* As mãos està o reparo: Como póde ser que os mortos tambem morrão? Que morrão os viuos, bẽ o entendeo; que isso he morrer, trocar a vida com a morte. Que viuão os mortos, tambem; que isso he resuscitar, trocar a morte com a vida. Mas que os mortos morrão: *Beati mortui, qui in Domino moriuntur?* He que deo o Euangelista por morte esta vida transitoria, & achou que morrião os mortos, quando trocauão a morte desta vida pella morte da sepultura. Porque se os viuos morrem, quando trocão a vida com a morte; & se os mortos viuem, quando trocão a morte com a vida; certo he que os mortos morrem, quando trocão huma com outra morte, que he a vida transitoria com a morte permanente. Pois por isso eu dizia, que se nos lembramos do passado, não nos esqueceremos da morte, porque vida transitoria, não foi vida mais que no nome, & na realidade foi morte: que he o modo como nos lembraremos da morte, se lançamos os olhos ao passado: *Memento homo.*

Apocalips. 14.

IV.

VEião agora como nem nos esqueceremos da morte, se considerarmos o presente, porque se considerarmos o presente, não tiraremos os olhos de nossa vida, & acharemos, que he o pó, com que a Igreja nos dà de rosto: *Quia puluis es:* & esta he a morte, de q̃ quer nos não esqueçamos; porque se a vida passada foi morte, que acabou, a vida presente he morte, q̃ continua. O nosso thema o està dizendo: *Memento homo, quia puluis es, & in puluerem reuerteris.* Fostes pó, porque ja morrestes: sereis pó, porque morrereis: & sois actualmente pò, porque actualmenre morreis: de modo que o pò de que fostes formados foi morte, que ja passastes: o pó, em que parareis, serà morte, que aueis de passar; & o pò, que de presente sois: *Quia puluis es*, he morte, que ides passando: & assi he que estamos continuamente morrendo, porque estamos num passamento continuo. Quando vedes que o amigo, ou conhecido està as portas da morte, costumais dizer que esta em passamento; pois nelle està cada hum de nòs, em quanto viue. Passa a infancia, a puericia, a mocidade, & he huma morte cada passamento.

Perguntado hum hora Iacob, que annos tinha de vida, respondeo que de peregrinação tinha 130. *Dies peregrinationis vitæ meæ centum triginta annorum sunt.* Notem que de vida, não diz que tenha hum só dia, mas só dis que tem 130. annos de peregrinação. Duas sortes ha de peregrinaçoens, huma he dos lugares, & outra dos tempos: a peregrinação dos lugares he passagem de hũa terra pera a outra; & a peregrinação dos tempos he passagem de huma pera outra idade: & ambas estas peregrinaçoens não saõ mais, que hum passamento continuo, porque com huma se passarão os lugares, & com outra os tempos. Diz pois Iacob que seus dias forão annos de peregrinação, não porque fossem passagem de huma terra pera a outra, porque toda a vida passàra na Palestina, mas porque forão si passamento de huma

Genes. 47.

huma idade pera a outra. E assi declarou melhor a duração de sua vida, porque mostrou fora mais huma successam de muitas mortes, que dias de vida. E a resam he, porque pera os dias serem de vida, auia esta de ter permanencia, que assi definio a vida o Philosopho: *Est permansio animæ vegetratricis cum calore.* Forão logo horas da morte, porque foram huma passagem, ou passamento, nam dos lugares, mas dos tempos, em que Iacob passou toda a vida; porque toda ella esteue num passamento continuo.

Aristot. lib. de respirat.

E esta parece foi a resam, porque a viuua Thecuitis dice a Dauid que nossa vida era, como a corrente dos rios: *Omnes morimur, & quasi aquæ dilabimur*: & por duas resoens, que considero, huma da parte da morte, & outra da nossa parte. A resam da parte da morte he, porque como os rios nam param, mas estam num continuo passamento, assi a morte nam parà, porq̃ he o curso da vida hum passamento continuo. Passa a agua, & seu curso sempre he correndo: mas por mais que corra a agua, nam iguala o curso da vida, porque tal pressa lhe dam as enfermidades, & achaques, que de suas penas forma as azas, com que nam sò corre, mas voa. Eis ahi a resam da parte da morte, porque o curso da vida se compara a corrente da agua: *Omnes morimur, & quasi aqua dilabimur.*

2. Reg. 14.

A resam da nossa parte he; porque a agua, conforme as terras, por onde passa, toma o sabor, que leua: se passa por terras salgadas, nam entra no mar doce, & por isso entra sulphurea, se passa por mineraes de enxofre; & enlodada, se passa por terras apauladas. Pois como a agua ao entrar no mar se acha com as qualidades das terras, por onde passa, dessa sorte o homem ao parar na morte se acha com as qualidades dos costumes, q̃ na vida professou: se sam suaues os costumes, a morte he suaue: se he estragada a vida, a morte he desestrada. E a resam he, porque o passamento da morte he conforme o da vida, porque hum, & outro se correspondem: o da vida corresponde a morte, porque vida, que passou enlodada com as asquerosidades

dades dos appetites, como póde parar na morte pura, & limpa? E o da morte corresponde a vida, porque morte, em que vam a parar tantos amargozes dos vicios, como pode ser doce, & suaue? Com resam brada logo a Igreja, que nos lembremos do passado: *Memento homo.* E que consideremos o presente: *Quia puluis es*: porque se a lembrança do que ja passou, confunde nosso descuido: a consideraçam do que vai passando desperte nosso cuidado.

V.

TOdo este deue ser do curso da vida, que imos fazendo: vai por horas acabando a vida, & isso he ir morrendo, là la dice Socrates que o morrer era acabar o caminho, que fazemos desdas entranhas da May atè as da terra: he este caminho como o q̃ fazem os padecentes, quando condenados á morte sahem do carcere, onde foraõ presos, atê o lugar, em q̃ seraõ justiçados; pois isso he nossa vida. Parece q̃ em proprios termos o dice o Santo Iob: *Semitam, per quam non reuertar, ambulo.* O curso da minha vida, diz o Patriarcha, he como o caminho, q̃ faz hum homem, por onde naõ ha de voltar. Mysterioso dizer. E qual he o caminho, q̃ hum homem faz por onde naõ voltarâ? He o que faz quando sahe a padecer: pellos mesmos passos da vida chega ao lugar de sua morte, & dahi naõ ha de voltar, porq̃ ahi será justiçado. Pois esse caminho achou Iob, que era o curso de nossa vida; porque das entranhas da May, carcere donde sahimos, imos caminhando pera o lugar, em q̃ daremos o vltimo arranco: ahi pararà o caminho, que naõ auemos de desandar; porq̃ ahi serâ o termo, em que pararà o curso da vida: *Homo enim,* diz Santo Thomas, *in hac mortali vita per ætatis processum tendit ad mortem, neque in hoc processu iteratio esse potest.* Na morte quererà hum homem dar volta á vida, mas serà ja tarde; porque na vida auia de ser a volta pera os bós costumes: quererá na morte desandar os caminhos, por onde se tem

Iob. 16.

D. Thom in Iob. cap. 16.

tem perdido, mas jà entaõ naõ ſerà tempo; porque he breue o inſtante da morte, pera deſandar os caminhos de toda a vida; que como ſejaõ caminhos, que faz hum padecente, naõ ſe tornam a deſandar: *Semitam, per quam non reuertar, ambulo.* Bem he logo que como hum padecente faz o caminho da morte, façamos nos o da vida, pois o curſo da vida he o caminho, que fazemos pera o lugar do ſupplicio.

Viſtes jà, Senhores, ſahir a morrer hum padecente? Ou deſſe limoeiro de Lisboa, ou deſſa cadea da portagem ſahe hum padecente a morrer: que aſſuſtado vai fazendo ſeu caminho! Infiado o roſto, os olhos no chaõ, pé ante pè, como attonito dos aſſombros da morte, pera onde vai caminhando. Sò dà ouuidos as vozes dos, q̃ lhe vaõ fallando em ſua ſaluaçaõ, taõ ſolicito do bem de ſua alma, que ſe o conuidais, pera q̃ tome hum bocado, com que poſſa continuar ſeu caminho; ſe o toma he cõ as lagrimas nos olhos, lẽbrado do amargozo trago da morte, que o ſpera. Ah que aſſi auiamos de ir fazendo o curſo da vida, pois nam he mais, q̃ hum caminho, que fazemos do carcere das entranhas maternaes, até o lugar, em que a meſma natureſa nos darà garrote. Quem paſſa os annos da vida ſem hum dia tomar hum hora, pera ſe lembrar de quam deſencaminhado anda, bem moſtra, que nam attende ao caminho, que vai fazendo pera a morte: que ſe ſe lembrara do fim, q̃ o ſpera, ainda ao tomar hum bocado a ſua meſa, meteria o paõ na boca com as lagrimas nos olhos; porque o temor da morte lhe embargaria os cuidados, pera que naõ attendeſſe a mais, q̃ a ſaluaçaõ de ſua alma: ſò deſſas materias cuidaria lembrado que cada paſſo, que da na vida, ſe vai chegando como padecente ao lugar, em que ſerá juſtiçado.

Quando Samuel mandou vir diante de ſi a Agag Rey de Amalech, diz a ſagrada Scriptura, que vinha temendo, & tremẽdo, com ſer huma torre de carne: *Oblatus eſt ei Agag pinguiſſimus, & tremens.* Valhame Deos, ſe Agag a todo Iſrael fazia roſto, como téme agora à viſta de Samuel? A cauſa foi, diz Carthuſiano

1. Reg. 15.

thusiano, que sabia o Rey o mandaua vir Samuel pera lhe dar o vltimo supplicio, & nesta occasiaõ o valor, & o temor lutavaõ em seu peito; por huma parte o valor lhe alentaua os passos, & por outra o temor lhos enfraquecia; do alento era causa o animo, com q̃ se achaua, & da fraquesa o perigo, em que se via. Nesta luta de affectos preualesceo o temor, que lhe fazia dar os passos tremulos: *Timuit ex formidine mortis*, diz Cathusiano, *quæ omnium terribilium terribilissimum est.* Bem mostra logo, q̃ nam considera o curso da vida, quem nam teme, & treme â vista do fim, pera onde caminha: dà affoito os passos, por menos considerado, & sua inconsideraçaõ he a causa de os dar taõ desencaminhados. Desgraça, em que os mais mancebos caem mais de ordinario, porque viuem manos aduertidos do caminho, que vam fazendo.

Carthus. in 1. Reg cap.16.

Os que costumamos acompanhar padecentes, experimẽtamos, que no caminho, que fazem pera o lugar do supplicio, os mais mancebos costumaõ ir mais assustados. Tem mais que perder pellas esperanças de vida larga, & vellas malograr he susto, que lhe chega à alma; por isso taõ alienados caminhaõ, q̃ mostraõ bem, naõ tiram o pensamento da morte, a que se vem condenados. Vedes ahi pois, Senhores, como os que sois mais mais mancebos, deueis fazer o caminho de vossa vida sem tirar o pensamento do fim, pera onde ides dando os passos. He o termo, em que vos espera a morte, fazuos a idade crer, q̃ està distante, & he engano; porq̃ os mais mancebos de ordinario saõ os primeiros, que chegaõ a se ver em braços com a morte.

De todos os filhos de Iacob, senam foi Benjamim, o mais moço era Ioseph, & por elle começou a morte. Esse he o estilo, q̃ guarda: hase como o amor, & como o odio, *Fortis est vt mors dilectio, dura sicut Infernus æmulatio*: do amor toma a escolha, & do odio a violencia; toma do amor a escolha, porq̃ de ordinario escolhe os mais dignos de viuer, esses saõ os que cõmumente primeiro morrem. E toma a violencia do odio; porque aos que mais resistem, faz mais força; & como os mais

Cantic.8

mais velhos resistaõ menos, nos mancebos faz seu emprego, porque lhe resistem mais. Que de vêses o experimentamos! Dá huma maligna num mancebo, dâ num valente, & leua-o; dà num velho, dá num debil, & escapa. Os mesmos Medicos dizem, que a resistencia foi causa da motte, porque como foi causa da luta, a luta despertou a violencia; & a violencia da morte sempre faz maior impressaõ nos, que mais resistem. Resaõ tem logo os mais mancebos, & os mais valentes de caminharem mais assustados esses dias da jornada, que a morte os espera; porque se aos velhos espera no fim da jornada, aos mais mancebos vem esperar ao caminho: ahi lhes arma as siladas das malignas, dos tabardilhos, das brigas, & desauenças, com que anda sua vida mais arriscada.

VI.

ABri pois, Fieis, os olhos da cõsideraçaõ, & vede, que naõ he mais vossa vida, que a jornada, que faz hum padecente do carcere, donde sahe, até o lugar, onde serà justiçado. E qual serà o lugar, em que a propria naturesa vos darà garrote? Será na vossa terra, ou nesta Cidade? Numa dessas ruas, ou em vossa casa? Tem lugares certos a Republica, onde costuma justiçar culpados, porèm naõ ha lugar, em que a morte naõ faça em nos justiça. Deitado na sua cama estaua o Princepe Iosboseth dormindo a cesta, & de huma punhalada, dis a sagrada Scriptura, que o assalteou a morte: banqueteandose á mesa estauõ os filhos de Iob, quando a casa, que os opprimio, lhe seruio de sepultura: sentado na sua cadeira estaua o Sacerdote Heli, & ahi perdeo a vida: Iulio Cesar no Senado: Ioab no templo. Não ha parte, que a morte não faça lugar do supplicio. Pois onde será o vosso?

Quis hum hora Ionathas dar a entender a Dauid a morte, que seu Pay Saul lhe machinaua, & despedindo do arco huma seta, mandou a hum pagem, que a fosse buscar. Significaua, diz

Vgo, esta seta da morte; & por mais que o pagem a buscaua a huma, & outra parte, naõ acabaua de dar com ella; porque humas vezes lhe ficaua a hum lado, outras a outro, já atras das costas, já por diante. Aqui bradou Ionathas: *Clamauit Ionathas post tergum pueri: Ecce ibi non est sagitta, porro vltra te est.* Como se dicera, naõ està ahi a seta da morte, onde a imaginaes, mas ahi està mais huns passos adiante; porque onde menos o cuidais, ahi està a morte escondida: *Quasi diceret*, grozou Vgo, *tua mors, quæ est sicut sagitta, propinquior est, quam tu existimas*: & assi costuma succeder, Imaginaueis a seta da morte a hum lado, & ficouuos ao outro; porque vos acometteo pella parte, de que estaueis mais descuidados: cuidaueis que a tinheis por deuante, & tal ves ficauos a tras das costas; porque vos assalteou pello dezastre, que naõ preuistes: pareceo uos que a tinheis diante dos olhos pella doença perigoza, & preuenistes uos cõ os Sacramentos, & naõ estaua ahi a seta da morte; mas ahi està mais adiante, *Porro vltra te est*; & assi vemos que muitas vezes, quando o doente melhora, entaõ morre. Que he isto, senaõ mostrar a Diuina Prouidencia, que naõ tem a morte lugar certo.

1. Reg. 20.

Vge in eund. loc.

Pois naõ he menor a incertesa do tempo; grande he a incertesa do lugar, porém a do tempo ainda he maior. Quereisme dizer, Senhores, qual serà o dia, em que se acabarà de executar em vòs a sentença de morte? Bem sabeis que està jà dada, *Puluis es, & in puluerem reuerteris*: caminhando ides pera o lugar, em que se ha de executar. Qual será o dia? Oje, ou a manhaã? Este anno, ou o que vem? Sahe a justiçar hum padecente, & jà quando sahe do carcere, sabe pouco mais, ou menos a hora, em que se lhe darà garrote. E nos himos jà pello caminho, sem sabermos hora, nem dia; sò sabemos, que quando menos o cuidarmos, nos assaltearà a morte. E foi Prouidencia Diuina, pera que sua cautella despertasse a toda a hora nossa vigilancia.

Seneca o deo a entender numas emphaticas palauras: *Non enim*

289

enim citamur, dis o Philosopho, *non enim citamur ex censu, sed ex deposito*. Do censo ao deposito vai esta diuersidade, que o censo se paga em certo tempo, & o deposito naõ tem tempo certo; pagasse o censo na occasiaõ, que os rendimentos se cobraõ, & o deposito se restitue a todo o tempo, que se pede: naõ tem o depositario hora, em que esteja certo, que se lhe nam ha de pedir o deposito. Esta he logo a resaõ, dis Seneca, porque somos depositarios da vida; porque naõ ha de auer tempo, em que nam estejamos prestes pera a restituir, como deposito: no tempo presente, & no futuro; no presente porque se nos pòde pedir a esta hora; & no futuro, porque nam ha hora, em que se nos naõ possa pedir.

Seneca de cosol. ad Polib

Essa he a incertesa do tempo, que compete com a incertesa do lugar; porem a huma, & outra vence a incertesa do modo. Quem sabe o modo como morrerà? Nam sabemos onde, porque ignoramos o lugar; não sabemos quando, porque ignoramos o tempo; & nam sabemos como morreremos, porque ignoramos o modo. Serà de huma maligna, ou de huma balla? Será por huma teima, ou por hum dezastre? Sei eu que a Fabio Senador deo garrote hum cabello bebendo hum tarro de leite; o graõsinho de huma passa, que comeo, affogou a Anacreonte; a Druso Pompeo o pedaço de huma maça, que comia; do golpe de huma telha, que de hum telhado lhe caio sobre a cabeça, acabou Cyro; de huma queda, que deo tropeçando no Senado, morreo Quinto Emilio; & Carlos Rey de Nauarra, emboluendo-o pera sua saude num lançol molhado em agua ardente, ao cortar o fio, com que o cosiaõ, chegaraõ huma vela, & pello fio se ateou o fogo de maneira, que ficou alli morto o Rey. Por hum fio anda nossa vida; & que nam vejamos o fio, por onde anda, grande cegueira!

Cegos eram os Poetas gentios, & com tudo viram bem esta verdade, porque deram a entender era nossa vida hum fio, que as tres Parcas fiauaõ. Mas pera nosso desengano, dou melhor proua. As portas da morte se achaua Ezechias, quando

Isaias 38 abrindo os olhos viò cortado o fio de ſua vida : *Præciſa eſt velut à texente vita mea, dum adhuc orditer, ſuccidit me.* Vſa da alegoria da tea, em que logo ao ordir quebrou o fio, ou pera melhor dizer, ſe cortou : *Præciſa eſt velut à texente vita mea*; porque quis o Rey moſtrar, que naõ he ſò fio a vida, mas fio, que humas vezes ſe quebra, & outras ſe corta; quebraſe o fio da vida, quando por fraqueſa da natureſa, de ſi acaba; & cortaſe, quando por violencia de outrem, ſe rompe: hum effeito he da fraqueſa; & outro da violencia; porque de huma, & outra ſorte ſe perde a vida, & cada huma de muitos modos; por effeito da fraqueſa, porque ſaõ muitos os modos, cõ q̃ a natureſa desfallece; & por effeito da violencia, porque ſaõ muitos mais os modos, com que a força nos atropella. Iuſto he logo, que pois himos caminhando pera a morte; eſtremeçamos de ver, que nem ſabemos o lugar, nem o tempo, nem o modo, com que ſe romperá eſte fio de noſſa vida.

VII.

E Deſta conſideraçaõ naſcerá o deſuello pera o futuro: todo elle deue ſer da reſoluçaõ, em que pararemos na morte: *Memento homo, quia puluis es, & in puluerem reuerteris.* E ſe bem o conſidero, duas ſaõ as reſoluçoens, em que pararemos na morte: huma reſoluçaõ pertence ao corpo, outra a alma, & ambas a todo o homem. Huma reſoluçaõ pertence ao corpo, porque pararà em cinzas; & outra reſoluçaõ pertence à alma, porque parara. Em que Fieis? Parara em chamas? Oh que cuidado demanda eſta reſoluçaõ do homem! Porque ſe ha de parar o corpo em cinzas, muito he de temer, que a alma pera em chamas. Eu naõ quero oje tratar da reſoluçaõ do corpo, porque pouco vai que pare em cinzas; porém que a alma venha a parar em chamas, eſſa he a reſoluçaõ, que nos deue dar cuidado.

Pſal. 17. Sei eu que eſſa o daua a Dauid, quando dizia: *Dolores inferni*

ferni circundederunt me, præoccupauerunt me laquei mortis. Menos bem fundados parecem, dis Santo Agostinho, estes temores de Dauid; porque do descuido da morte era força, que se seguisse a condenaçaõ da alma? Si, diz o Santo Doutor, porque se a morte se antecipa, se antes de hum homem o cuidar, lhe deo garrote: *Præoccupauerunt me laquei mortis*; mal preuenido o deuia achar: & da preuençaõ da morte depende a vida da alma. He a morte como o Basilisco, se nos ve primeiro, matanos; se o anteuemos, matamolo: assi a morte, se nos acha alerta, he para nòs vida: se nos apanha descuidados, he condenaçaõ eterna: *Præuenerunt me laquei mortis, vt priores nocere possent*, dice o grande Africano. E que ainda assi viuaõ tantos em tal descuido, que a repetidos auisos naõ despertem do letargo? Repete a morte os auisos pellos repetidos achaques, que diante manda por seus aposentadores, & que ainda assi aja descuidados! Que de a morte com hum enfermo na cama, pera dahi dar com elle na sepultura, & como tronco insensiuel, que ainda assi naõ acabe de se persuadir que morte? Oh como he de temer, que nesse tronco se ateem as chamas do Inferno! Isso demanda tanto descuido da morte.

D. August. in Psal. 17.

E a resaõ deo S. Bernardo, porque se nos descuidamos da morte, he por attender sò a vida, & ahi està o risco da saluaçaõ da alma; no descuido da morte, porque se naõ he preuenida, he arriscada; & no cuidado da vida, porque se nos leua a attençaõ toda, os mesmos affectos, que nos diuertem os olhos das cinzas do corpo, nos despenharaõ nas chamas, em que se abrazará a alma. Ià dicemos que nossa vida era huma aruore: *Video homines velut arbores ambulantes*: os ramos desta aruore, accrescenta S. Bernardo, saõ nossos affectos, *Rami nostri desideria nostra sunt*: diz pois o Baptista por S. Lucas, que ja o machado està posto ao pè desta aruore: *Iam securis ad radicem arborum posita est*; perto està logo a aruore de cair, porque quãdo o lurador pera cortar alguma aruore, ameudando de huma, & outra parte os golpes do machado, vai enfraquecendo

D. Bernard. Serm. 6.

o tronco, perto está de arruinar. Toda a duuida he só pera onde cairà. Desta duuida nos tira o Santo Abbade. Vede, diz Bernardo, pera onde fazem seu pendor os ramos, porque pera là ha de ser a queda, & a experiencia o mostra: *Vnde ponderosior est ramis; inde casuram ne dubita.* Que foi dizer, he aruore nossa vida, seos ramos saõ nossos affectos; pois pera onde fizerem pendor os ramos, pera ahi cairâ a aruore. Se os ramos dos affectos fazem pendor pera o Inferno, pera là cairà sem duuida aruore, porque pera la a ha de leuar o pendor dos ramos, ou dos affectos; que se se cortaraõ em vida, nunqua pera la seria a queda na morte, mas porque deixais crescer esses ramos, sem cortar por esses affectos, como pera la fazem seu pendor na vida, pera là serà na morte a queda: & os ramos, ou affectos, que foraõ a causa pera a ruina, seruiraõ de ceuo para a fogueira.

E que naõ vejaõ os homens estas consequencias? Sinal he de sua cegueira; fechalhe o Mundo os olhos, pera que naõ vejaõ estes desenganos. Vem cair no fogo tantas figueiras, aruores, que por infructuosas, manda cortar o Pay de familias, pera dar com ellas nas chamas; *Succide illam, Ad comburendum,* accrescenta Santo Agostinho; & que naõ tratem de cortar pór ramos viçosos, ou por viciosos affectos? A gritos da naturesa brada a mesma experiencia, que tudo o deste mundo, naõ he mais que pò, & cinzas; & tudo o do outro mundo, ou saõ glorias, ou chamas; & que naõ vejaõ os desenganos, que com as proprias maõs apalpaõ, nem ouçaõ a sentença, que nelles mânda executar a Diuina Iustiça? *Memento homo, quia puluis es, & in puluerem reuerteris.*

Luc. 13.

VIII.

VIII.

ORa pois, Fieis, por onde andaõ na vida vagueando vossos olhos? Que attendem vossos ouuidos? Se Deus nesta hora, tiradas as campas dessas sepulturas desta Cathedral, vos mostrara aos olhos quantos nella jazem sepultados, tantos Prelados, tantas Dignidades, tantos Conegos, tantos Cidadaõs desta Cidade, que assombros vos causaria ver, que em tantas cinzas pararaõ tantas vaidades? Pois se Deus vos mostrara as almas! De crer he que muitas estaõ na gloria, mas tambem he de temer que algumas pararaõ nas chamas do Inferno. Ouui ja agora seus gemidos, pera que os naõ vades ouuir na morte: estaõ sem duuida lamentando, o que Dauid mais a tempo: *Dolores Inferni circundederunt me, preoccupauerunt me laquei mortis.* Ah que nos naõ lembramos das cinzas, em que veyo a se desfazer o corpo, & menos das chamas, em que veyo a parar a alma! Na vida deuera ser esta lembrança. E assi he, que na morte será ja tarde: entaõ vereis, o que naõ quareis ver agora; trocarse haõ entaõ as maõs, & os que agora viueis taõ esquecidos do que fostes em vossa vida, entaõ vos dará garrote a lembrança do que tendes sido. Os que agora viueis mais descuidados do futuro, com esse cuidado atrauessado na garganta acabareis entaõ a vida. Attendereis ao presente, pera ajustar as contas, mas à luz daquella candea, que vos meteráõ na mão, achareis as contas erradas, porque entaõ conhecereis os erros de vossa vida. Não sei, se tereis naquella hora, quem vos meta nas maõs hum Santo Crucifixo, agora he o tempo de vos abraçares com elle, & pedirlhe huma boa morte.

Psalm. 17.

Amorosissimo IESVS, pella morte, que padecestes, vos pedimos huma boa morte: tres horas agonizastes na

Cruz, foi a agonia luta ; & pera vencerdes a morte, durou a luta tres horas : bem era que ja de agora começasse nossa agonia, & pera asseguraramos a victoria, ainda a preuençaõ seria pouco anticipada. Ia de agora pomos nossas almas em vossas mãos, pera que não cayaõ nas do Demonio ; tendeas, bom IESVS, da vossa maõ, & muito em particular naquella hora ; hora, de que pende toda huma eternidade, ou de penas, ou de gloria. *Quam mihi, & vobis, &c.*

LAVS DEO.